

MÃOS AO ALTO

Ex-estudante da UFSC formada em Biblioteconomia considera um abuso ter de pagar R\$ 300 de taxa para obter uma segunda cópia do diploma. O original foi furtado do interior do seu carro. Faz sentido.

Diário Catarinense-Visor

Duplicação

Para resolver o congestionamento da Rua Deputado Antônio Edu Vieira, logo que a UFSC e a Eletrosul cedam as faixas necessárias, é só a prefeitura desapropriar apenas quatro metros de cada lado da rua e os fundos daqueles blocos de apartamentos construídos erradamente no morro do Gema D'Ovo. Pensem firme nessa obra e esqueçam o absurdo de mão única.

Syrio José Dias
Por e-mail

Diário Catarinense-Diário do Leitor

DEPUTADO ANTONIO EDU VIEIRA

Projeto que reverte terreno está na Assembleia

FLORIANÓPOLIS — O projeto de lei 28.3/2012 que prevê a devolução para o Estado de terreno doado para a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), em 2004, entra em discussão na Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia na próxima terça-feira, quando o relator deputado Silvio Dreveck (PP) deve apresentar seu relatório.

Dreveck confirmou que apresentará o parecer, mas não quis antecipar o teor: "Ainda tenho dúvidas se pode ser um procedimento legislativo. É matéria complexa e vou analisar a legalidade, mas

devo apresentar o parecer nem que seja para pedir diligências".

O projeto de autoria do deputado Marcos Vieira (PSDB) quer que o Poder Executivo, por meio da Secretaria de Administração, reverta 20 mil metros quadrados de área da UFSC ao Estado, que por sua vez transfere ao município, para que possa ser feito a duplicação da rua deputado Antônio Edu Vieira.

A UFSC se recusa a ceder o terreno para a Prefeitura de Florianópolis executar o projeto. E foi isso que fez o deputado Marcos Vieira a apresentar o projeto

que deu entrada em 28 de março. "O projeto está dentro do prazo regimental, mas terça-feira deve ser votado o parecer na Comissão de Justiça", disse Vieira.

O deputado foi secretário da Administração no governo Luiz Henrique e nessa época ajudou a regularizar uma série de lotes que o Estado doou à UFSC. Segundo o deputado, ao longo da história o Estado passou cerca de um milhão de metros quadrados de área à UFSC. "É hora de a universidade dar sua contribuição para a cidade", destacou o deputado.



VETO

Prefeitura de Florianópolis quer duplicar rua, mas conselho da UFSC negou doação

Investigativo

As inscrições para o 2º Seminário Brasil-Argentina de Pesquisa e Investigação em Jornalismo foram prorrogadas para 13 de abril. Os interessados devem se inscrever no site www.bapijor.ufsc.br/inscricao. O seminário ocorrerá nos dias 17 e 18, no auditório da reitoria da UFSC, para discutir os desafios do jornalismo investigativo e a pesquisa na área. Mais informações no site www.bapijor.ufsc.br.

Notícias do Dia-Tome Nota

Dia a dia

- **Jornalismo** - Terminam no dia 13 as inscrições do 2º Seminário Brasil-Argentina de Pesquisa e Investigação em Jornalismo. Para se inscrever, os interessados devem entrar no site www.bapijor.ufsc.br/inscricao. O evento, que reunirá jornalistas e pesquisadores, será realizado nos dias 17 e 18, na Capital.

Diário Catarinense-Serviço

MIT em SC?

Na visita que fez ao Massachusetts Institute of Technology (MIT), ontem, nos EUA, a presidente Dilma acertou que a conceituada instituição terá uma filial no Brasil. Por que não em SC? O Estado tem o melhor curso de engenharia mecânica do Brasil, na UFSC, e a Fundação Certi já é parceira da instituição. Além disso, o novo assessor de tecnologia do governo é o reitor da UFSC, Álvaro Prata, que viajou com a presidente.

Diário Catarinense-Estela Benetti

Moradia UFSC

A UFSC em Joinville divulgou a lista dos 22 alunos contemplados com auxílio-moradia. Dados como nome, matrícula, CPF, banco, agência e número de conta corrente devem ser encaminhados até dia 13 de abril. A lista com os nomes e mais informações podem ser conferidas no site joinville.ufsc.br.

A Notícia-Serviço

Desindustrialização

A Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc) realizará no dia 19 de abril seminário sobre desindustrialização, com palestras do ex-presidente do BNDES Luiz Carlos Mendonça de Barros e do economista e professor da UFSC Silvio Ferraz Cario. Mendonça de Barros vai falar sobre o cenário macroeconômico e os reflexos no mercado doméstico e na desindustrialização. Cario vai ministrar o painel "Estrutura industrial brasileira e de Santa Catarina: há evidência de desindustrialização?". A produção industrial fechou 2011 com queda de 5,1%. Os produtos industrializados estão perdendo participação na pauta de exportação catarinense. Em 2007, representavam 64%, contra 54% no ano passado. A economia catarinense cresceu 2,6% em 2011 ante 2010. Se a comparação for 2010 contra 2009, o crescimento foi de 6,1%.

A Notícia-Livre Mercado



Em busca de respostas

Orientação profissional, mais do que respostas, ajuda estudantes enchendo-os de questionamentos



Além das disciplinas tradicionais do currículo, o Ensino Médio traz outra preocupação para grande parte dos estudantes: qual carreira seguir? A escolha da graduação é debate constante em sala de aula e em casa, com sugestões partindo de todos os lados. Para quem não consegue se livrar da dúvida cruel, a orientação profissional pode ser uma boa alternativa.

A era dos testes vocacionais ficou para trás. Responder a um questionário e acreditar que assim o futuro estará desvendado é uma visão considerada ultrapassada por especialistas, que defendem uma nova nomenclatura: orientação profissional. O processo envolve reflexão a respeito de si mesmo e escolha com base em dados sobre as profissões. Foi-se também o tempo em que esse trabalho era realizado pontualmente com adolescentes em busca de uma graduação, afirma a psicóloga Maria Célia Lassance.

Hoje, a ideia é ajudar no planejamento de carreiras – tanto de estudantes indecisos quanto de profissionais insatisfeitos.

– A escolha de um curso superior faz parte da carreira e deve ser vista como o meio do caminho, nunca como o ponto de chegada. É preciso

ter alguma convicção sobre estilo de vida e trabalho desejados antes de tomar essa decisão – indica.

Para Maria Célia, a tarefa do orientador é fazer perguntas, mais do que dar respostas. Em encontros individuais ou em grupo, os interessados participam de atividades como entrevistas, testes e dinâmicas, para avançar no autoconhecimento. Dessa forma, a pessoa se torna mais consciente de suas características, habilidades e interesses.

Além disso, procura-se incentivar o orientando a buscar informações que subsidiem a escolha.

Sem conhecer a história testes não ajudam

Os psicólogos Cesar Karnal e Nicole Pinto Bisinella dizem que não adianta aplicar testes vocacionais sem entender a história do sujeito.

– Compreendemos que a orientação profissional tem um maior alcance ao trabalhar de forma complementar com testes e técnicas de dinâmica de grupo, que evidenciam aspectos como expectativa da família, mercado de trabalho, conhecimento das profissões e ansiedade – apontam.

PERGUNTE-SE ANTES DE DECIDIR

SIGNIFICADO DO TRABALHO

Qual o significado do trabalho para mim?
Qual contribuição quero dar ao mundo?
Com que tipo de problemas ou questões eu quero lidar na minha vida profissional?
O que é importante em uma carreira?
Quais valores não abro mão no trabalho?
Quais valores posso realizar nos outros papéis (como estudante, cidadão, pai/mãe, cônjuge, no lazer)?

AUTOCONHECIMENTO

Entre as coisas que faço ou fiz, no que me sai bem? No que fracassei? Por quê?
Quais meus interesses mais duradouros?
O que eles têm a ver com uma carreira?
Sobre o que gosto de ler?
Em que eu sou mais hábil? Quais destas habilidades quero utilizar ou desenvolver?
O que me faz sentir bem e realizado?
Que relação essas atividades têm com profissões, ou ambientes de trabalho?

CONHECIMENTO DO MUNDO DO TRABALHO

Conheço todas as possibilidades profissionais e de estudos?
Sei as variações de atividades que estes profissionais podem ter?
Conheço bem diferentes carreiras de profissionais com a mesma formação?
Converso com profissionais sobre as suas carreiras? Os motivos pelos quais eles escolheram a profissão? Por quais motivos pelos eles fizeram mudanças?
Converso sobre o melhor e o pior na carreira?
Converso com universitários sobre o curso, sobre sua escolha, sobre disciplinas de que ele gosta e de que não gosta?

TOMADA DE DECISÃO

Sinto-me pronto para esta decisão?
Tenho informações suficientes para que a decisão seja madura?

Sei como utilizar meus interesses, valores e habilidades para me ajudar a avaliar as profissões pelas quais estou interessado? Estou utilizando critérios variados (salário, satisfação nas atividades, oportunidades de estudo, estilo de vida do profissional, prestígio)?
Estou consciente do impacto que as minhas decisões terão na minha vida e na das pessoas importantes para mim?

REALIZAÇÃO DE PLANOS

Sei o que devo fazer para levar adiante os meus planos?
Conheço as barreiras com que vou me defrontar para atingir meus objetivos e sei como ultrapassá-las?
Preciso da ajuda de alguém?
O que depende de mim e o que depende de outros?
Estou disposto a fazer os esforços necessários para atingir a minha meta?



Menino proc

Filho de brasileiro com chinesa entrou na universidade com oito anos. Aos 14, ele se prepara para concluir o bacharelado em Matemática



Um garoto de 14 anos que é fã do jogador português Cristiano Ronaldo, ouve Beatles, pratica artes marciais e gosta de filmes de Jackie Chan e Jet Li é, aparentemente, apenas mais um menino de 14 anos.

A primeira vista, o norte-americano Moshe Kai Cavalin, filho do brasileiro Ubirajara Joseph Cavalin e da chinesa Shu Chen, se limita à descrição acima. Contudo, o diploma obtido em Astrofísica no East Los Angeles College (Elac) – onde entrou aos oito anos e só tirou A (a nota máxima nos Estados Unidos) – o distingue da imensa maioria dos jovens nessa faixa etária.

Atualmente, ele se prepara para concluir o bacharelado em Matemática pela Universidade da Califórnia, Los Angeles (Ucla), no fim do ano. Em seu passaporte chinês, ele é Kai Hsiao Hu (que significa “tigre obediente”). Porém, a preferência pelo nome do documento americano (“Moshe”) é equivalente a “Moisés”) mostra o gosto do estudante pela diversidade cultural. É “o leste o oeste se encontrando num rugido harmônico e poderoso”, define.

Mais próximo da cultura chinesa do que da brasileira, as palavras de Moshe Kai – que rejeita o rótulo simplista de “gênio” – refletem essa característica. Com frases repletas de imagens, o garoto gosta de se expressar por meio de metáforas e comparações.

– “Gênio” é uma palavra, assim como QI é um número criado pela elite. A vida é um círculo de conhecimento e o teste de QI é apenas um arco deste círculo, cuja parte mais importante não é testada. As classificações esquecem o resto dos componentes que fazem um indivíduo. Eu me recuso a ser um número e a deixar que uma palavra me classifique. Eu procuro a sabedoria pelo conhecimento – teoriza Moshe Kai.

O excelente desempenho acadêmico transformou Moshe Kai em uma celebridade internacional. A presença dele na mídia é constante. Entre as conversas via e-mail, ele ainda deu entrevistas para redes de televisão dos Estados Unidos, da Finlândia e de Israel. Ainda assim, ele encara as coisas com alguma serenidade:

– Sou apenas um garoto olhando, atônito, o universo do Todo-Poderoso.

Estudar em casa

Quando tinha seis anos, os pais tentaram colocá-lo numa turma mais avançada em uma escola pública, mas a direção só o aceitaria se fosse matriculado na primeira série. Então, Moshe Kai ficou em casa, estudando com a própria mãe. Um ano depois, foi recusado em uma escola particular, mais flexível com relação ao nivelamento dos estudantes, porque a professora de Matemática da quinta série dominava os números até álgebra, enquanto o garoto já estava em pré-cálculo. Ele não foi admitido numa série ainda mais avançada para não “perturbar” os alunos mais velhos, conforme a justificativa dos diretores.

No mundo acadêmico

Na primeira tentativa, sequer foi testado ou entrevistado. De volta às aulas domésticas com a mãe, teve de esperar por mais um ano, quando finalmente lhe foi permitido fazer um teste para entrar na universidade. Moshe Kai foi o terceiro colocado entre os 44 estudantes avaliados.

– Provei que estavam errados não apenas por meu diploma com honras, mas por também ajudar muitos dos meus colegas. Acabei sendo o tutor de muitos deles. Eu “perturbe” o axioma dos psicólogos e dos educadores – comenta Moshe Kai.

Moshe Kai, que escolheu Astrofísica e Matemática por “ser jovem e precisar começar pelo básico”, garante nunca ter pensado em desistir:

– Precisamos manter o foco e trabalhar duro, com uma mente forte e um coração jovial, porque esta é a poção mágica.

Carreira e futuro

Embora tenha iniciado a carreira acadêmica bastante cedo, o jovem mantém-se tranquilo quanto ao futuro. Sem se preocupar com o que virá nos anos seguintes à formatura, não traça metas para cumprir até os 20 anos. Aos que esperam um conselho sobre como fazer uma escolha tão importante quanto decidir por uma profissão, Moshe Kai esquia-se de ser definitivo:

– Vou procurar o conhecimento sempre, porque ele será meu irmão mais velho, que vai me reerguer quando eu cair e segurar a minha mão quando eu estiver triste. Vai me proteger quando a neve cair na minha cabeça, meus ossos se enfraquecerem e minhas pernas não suportarem meu corpo. Só o conhecimento pode nos levar à sabedoria. Somente com ela podemos fazer do mundo um lugar melhor e ajudar a humanidade.

lígio

Redação

seja uma máquina de escrever

Cyntia de Oliveira e Silva – www.opalavra.com.br



Merquilha também está entre as atividades de Moshe Cavallin



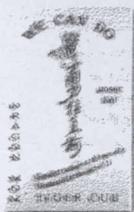
CYNTIA DE OLIVEIRA E SILVA é licenciada em Letras pela UnB e mestre em Educação pela UFSC. Tem 22 anos de magistério na área de língua portuguesa. Atualmente, é professora de redação da Oficina da Palavra

Como nascem os textos

Na coluna anterior, falamos sobre a necessidade de desenvolver uma consciência textual para se conhecer o modo peculiar de escrita de cada um e se ter clareza das qualidades e defeitos.

Para ajudar nessa tarefa, vamos falar um pouco sobre a gênese textual, ou melhor: como nascem os textos.

Começamos a produzir uma redação muito antes de traçarmos suas primeiras palavras. Assim, é importante se ter em mente todos os momentos envolvidos nesse ato: o pré-texto, o planejamento, a escrita, a revisão e a reescrita. Veja abaixo como fazer e se sair bem em cada uma das etapas.



O livro

Para explicar como atingiu tanto sucesso nos estudos e tentar rechaçar insinuações sobre uma eventual genialidade, Moshe Kai lançou, no fim do ano passado, a versão em inglês de seu livro originalmente publicado em mandarim, devido à boa aceitação nos mercados editoriais de Taiwan, Singapura e Malásia. Sem tradução para o português, *We Can Do* (Nós Podemos Fazer), da Bookstand Publishing, é uma espécie de guia para orientar outros jovens estudantes a potencializar seus feitos.

– Se eu encorajar apenas um garoto com meus esforços, ficarei exultante – justifica.

Sua frase mais repetida é “Eu pude alcançar as estrelas, mas outros podem alcançar a Via Láctea”. Para isso, segundo ele, basta trabalhar duro e com dedicação verdadeira.



A história de Moshe Kai já serviu, inclusive, de referência para uma série de grande sucesso na TV fechada. O episódio 12 da primeira temporada de *The Big Bang Theory* traz um estudante asiático de 15 anos – idade em que Moshe estará formado – para os laboratórios de pesquisa onde Sheldon Cooper e seus amigos trabalham. Na trama, a genialidade do jovem – apresentado como coreano – causa inveja aos cientistas geeks, que criam um plano para se livrar do garoto.

– Acho que os americanos não sabem distinguir asiáticos. Somos todos classificados como chineses ou japoneses, como se não houvesse outras cores no arco-íris. Espero não crescer como o Sheldon. É um personagem idiota.

PRÉ-TEXTO

– É o todo o processo anterior ao nascimento do texto. Parece óbvio, não? Entretanto, ele é invisível ao leitor, mas é a base de todo o conteúdo exposto. Isso inclui a pesquisa sobre o assunto, tudo o que se leu sobre o tema, os valores, a cultura e ideologia que fazem parte do escritor. Nessa etapa, todo o conhecimento acumulado ao longo da sua vida é acessado.

PLANEJAMENTO

Ele pode ser feito por escrito ou de forma mental; rápido ou demorado. É aqui que ativamos tudo o que sabemos sobre o tema, agrupamos as ideias semelhantes, decidimos o que vamos dizer, cortamos ideias, definimos o foco. É nesse ponto que escolhemos o gênero e o tipo textual, que temos consciência de quem será nosso leitor, definimos os objetivos, desenvolvemos as ideias a serem destacadas, construímos argumentos e traçamos a condução.

ESCRITA

É somente aqui que começamos a costurar as frases para transformá-las em parágrafos e esses em um texto coeso e coerente, com início, meio e fim. Para ajudar, é importante que se coloquem todas as ideias no papel sem qualquer tipo de autocensura. Nesse momento, é fundamental a preocupação mais centrada no conteúdo do que na forma para evitar o bloqueio de criatividade.

REVISÃO

As ideias já estão no papel? Agora é a hora do foco em quesitos como forma, correção gramatical e clareza. Procure deixar o texto “de molho”. Se estiver numa prova, e administrou bem o tempo, podem ser alguns minutos. Em outras situações, podem ser algumas horas ou dias. Desse jeito, você poderá distanciar-se um pouco do que escreveu e olhar sua redação de outra forma para ver problemas que antes não tinha visto. Isso facilita a revisão.

REESCRITA

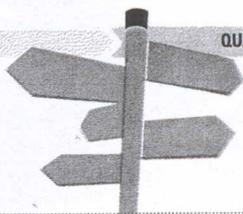
Etapa fundamental para a construção da versão final do texto, quando você fará as alterações necessárias para deixá-lo claro e preciso. É bom lembrar que, diferentemente de outras disciplinas que possuem um programa com conteúdo específico, a prova de redação em vestibulares tem como objetivo aferir as competências linguísticas construídas ao longo da vida dos candidatos e a sua capacidade de se posicionar sobre diversos assuntos. De um modo geral, os temas das composições devem ser extraídos de um título, imagem ou da leitura e compreensão de texto(s) oferecido(s) como motivação. Nesse caso, espera-se que o vestibulando não só identifique e desenvolva o assunto abordado, mas também demonstre capacidade para organizar ideias, estabelecer relações, fazer uso de dados ou informações, elaborar argumentos com coerência e coesão textual de acordo com os critérios da escrita-padrão.

FRIQUE ATENÇÃO

Espera-se que o candidato conheça o tema e o desenvolva de forma clara e concisa; demonstre iniciativa, prontidão de raciocínio e capacidade de se posicionar de forma racional para dar respostas a situações novas. Convém lembrar que para se obter um bom desempenho, a prática frequente da leitura, da escrita e a disciplina nos estudos tornam os escritores mais experientes.

Por fim, lembro que o exercício da escrita não se limita ao universo escolar ou acadêmico, uma vez que faz parte do nosso cotidiano pessoal ou profissional. Além do mais, representa uma arma indispensável na defesa dos nossos direitos e na expressão de nossas ideias. O texto escrito, sobretudo o dissertativo, é o gênero mais utilizado para se debater temas de caráter polêmico e abordar situações em que se privilegia o uso da razão.

Da produção à degustação



Engenharia de Alimentos

Profissional pode cuidar desde a produção até a criação de embalagens e processos de fabricação alimentar

GABRIELLE BITTELBRUN

Uma engenharia que se preocupa, entre outras coisas, com o sabor da comida. A Engenharia de Alimentos tem como foco os produtos alimentares. Por isso, abrange desde a produção até a apreciação, além de como eles podem fazer bem à saúde. Na UFSC, o curso tem 10 fases e conta com disciplinas básicas da engenharia, como matemática, química e matemática até as mais específicas, como análise sensorial, engenharia bioquímica e processos das indústrias de alimentos.

O professor do Departamento de Engenharia Química e de Alimentos da UFSC e coordenador da pós-graduação da área, João Borges Laurindo, destaca

que a atuação mais comum desse engenheiro é na indústria de alimentos.

– O profissional pode desenvolver um iogurte, avaliar que tratamentos ele vai receber para ser produzido, a que temperaturas deverá ser submetido e por quais equipamentos passará.

Mas esses profissionais também poderão trabalhar em órgãos públicos, fazendo a investigação de algum alimento que causou intoxicação ou dedicando-se à legislação e fiscalização alimentar. O profissional pode ainda desenvolver equipamentos e atuar na comercialização de substâncias ou embalagens. Pode passar por qualquer uma das etapas da cadeia de produção de alimentos, desde a matéria-prima até se chegar à casa

do consumidor.

O engenheiro de alimentos pode também se especializar em um setor de clientes, atuando na produção de produtos alimentares para idosos ou bebês, por exemplo.

Mesmo convivendo tão de perto com os processos alimentares, o professor diz que não há motivos para o apetite sumir.

– Algumas grandes indústrias parecem salas cirúrgicas de tão limpas. Além disso, processar alimentos, lidar com eles, faz parte da condição humana.

gabrielle.bittelbrun@diario.com.br

“O profissional pode desenvolver um iogurte, avaliar como vai ser produzido, e por que equipamentos deve passar.”

JOÃO BORGES
Coordenador de
pós-graduação



LUCAS DE ABREU

MERCADO DE TRABALHO

• Com o crescimento da população mundial, a necessidade de alimentos também aumentou. O Brasil ainda tem muita produção de alimentos e pouca industrialização. A tendência é tentar agregar mais valor a essa produção, ampliando-se os processos industriais.”

DO QUE É PRECISO GOSTAR

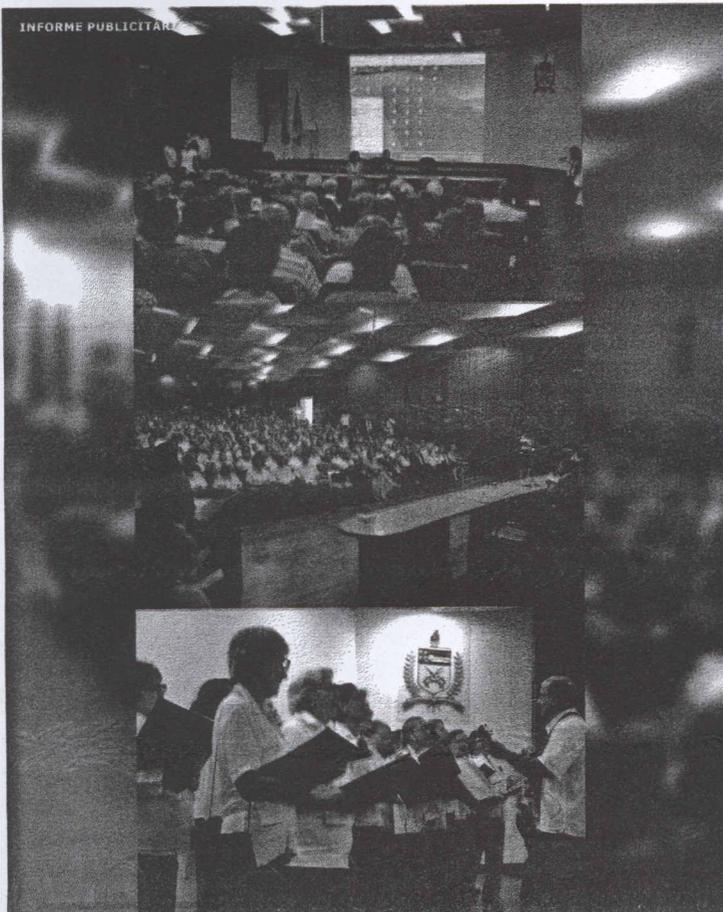
• “Estudar química, física, microbiologia, precisa gostar dessa área. O estudante também precisa se interessar pelo desenvolvimento de processos e de tecnologia. Chegamos à época em que o conhecimento científico, tecnológico, vai até a prateleira, com os produtos.”

O QUE É MAIS DIFÍCIL

• “O estudante não pode confundir o curso com Nutrição, tem que se informar bem antes de ingressar. A engenharia se preocupa com qualidade nutricional e sensorial dos alimentos, mas tem como produto final a comida. Além de ter bom sabor, boa aparência, não pode oferecer risco à saúde. É uma faculdade abrangente.”

SALÁRIO

• “O ponto de partida pode ser R\$ 5 mil a R\$ 7 mil, para se trabalhar nas indústrias. Mas se o profissional comprovar que traz lucro para a empresa, o salário não vai ter limite.”



Trinta anos do Neti

O Núcleo de Estudos da Terceira Idade (Neti) da UFSC está comemorando 30 anos de trabalho e marcou a data com uma aula inaugural de suas atividades de 2012, em concorrido evento realizado no auditório da Reitoria, na última semana. São 700 vagas oferecidas por semestre, voltadas para ações gerontológicas, contação de histórias, cinedebates, curso de avós, grupo de canto, línguas estrangeiras, biodança e práticas energéticas.

No momento, o Neti também está recebendo inscrições para o concurso que vai escolher o seu novo logotipo, voltado a estudantes de Jornalismo, Design ou Arquitetura. Elas podem ser feitas na sede do núcleo, ao lado da igreja-nha da UFSC. Mais informações estão no site www.neti.ufsc.br.

NOTÍCIAS

Publicado em 09/04/2012 às 18:48:23

Grupo de Canto para Iniciantes do DAC/UFSC abre inscrições em Florianópolis

O Grupo de Canto para Iniciantes, do Departamento Artístico Cultural (DAC) da UFSC, retoma os trabalhos neste ano e realiza inscrições, abertas a pessoas da UFSC e da comunidade em geral. Os interessados devem comparecer na Igrejinha da UFSC, nesta terça-feira, 10/04, das 14:30 às 18:30 horas. Ao todo, são 50 vagas. As inscrições serão por ordem de chegada, enquanto houver vagas. O candidato não precisa fazer teste.

Dia 10/04, terça-feira, das 14:30 às 18:30 horas

O objetivo da atividade é possibilitar a iniciação voltada à técnica do canto popular em grupo. É uma oportunidade para atender aos pedidos daquelas pessoas que nunca cantaram em grupo e gostariam de ter essa oportunidade dentro da Universidade.

Os trabalhos serão conduzidos por estagiário, aluno de Licenciatura em Música da UDESC, com supervisão da maestrina Miriam Moritz, que além de regente do Coral da UFSC, coordena os projetos de Extensão Madrigal e Orquestra de Câmara da UFSC. Os ensaios do grupo iniciante acontecem às terças-feiras, das 19 às 19:50 horas.

O Grupo de Canto para Iniciantes, assim como o Coral da UFSC, o Madrigal e a Orquestra de Câmara da UFSC fazem parte do Departamento Artístico Cultural (DAC), da Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte), da Universidade Federal de Santa Catarina.

SERVIÇO:

O QUÊ: Inscrição para o Grupo de Canto para Iniciantes, da UFSC.

QUANDO: Dia 10 de abril de 2012, terça-feira, das 14:30 às 18:30 horas, por ordem de chegada, enquanto houver vagas. O interessado não precisa fazer teste.

ONDE: DAC – Departamento Artístico Cultural, Igrejinha da UFSC, praça Santos Dumont, Trindade, Florianópolis-SC.

QUANTO: Atividade gratuita e aberta a toda a comunidade.

Visite: www.dac.ufsc.br

DAC/UFSC



Coral da UFSC, um dos grupos musicais do DAC



:: Página Inicial

Últimas Notícias

Esporte

Cotidiano

Diversão e Arte

Política

Galeria de Imagens

:: Roraima

Boates

Cinema

História

Hotéis

Lanchonetes

Locadoras de carros

Motéis

Restaurantes

Telefones úteis

:: Serviços

Anuncie

Classificados

Fale Conosco

Newsletter

BV News

POLÍTICA

AMAZÔNIA
 I M Ó V E I S

Dia 10/04/2012

Comissão Parlamentar da Mulher realiza audiência com universidades nesta terça

A Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra a Mulher do Senado Federal realiza nesta terça-feira, dia 10, às 14h, audiência pública "A Sistematização e o Monitoramento de Dados de Violência". Esta é a 8ª audiência da CPMI, que foi criada com a finalidade de, investigar a situação da violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência.

A senadora Ângela Portela (PT) questionará à Secretaria de Políticas das Mulheres acerca das ações estratégicas de enfrentamento à violência em relação às mulheres do campo e da floresta, segmento que se constitui em uma das pautas mais importantes para os movimentos sociais das mulheres organizadas, tanto no campo como na floresta. Este questionamento já foi feito em audiência anterior e a senadora dá voz às trabalhadoras do campo e da cidade porque considera serem estas as que mais sofrem com o fenômeno da violência doméstica, tendo em vista estarem mais distantes das políticas públicas voltadas para as brasileiras.

Para essa reunião foram convidados representantes de universidades públicas, que vão relatar estudos e projetos na área de violência contra a mulher. Estão convidadas a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Observatório Lei Maria da Penha, ligado à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Já estão confirmadas as presenças de Cecília Sardenberg – Representante do OBSERVE; Wania Pasinato – Representante do Núcleo de Estudos da Violência da USP; Lia Zanotta – Representante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher da UNB; Miriam Grossi – Representante do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividade da UFSC.

Reportagem

Tendências e caminhos da crescente relação bilateral Brasil-China

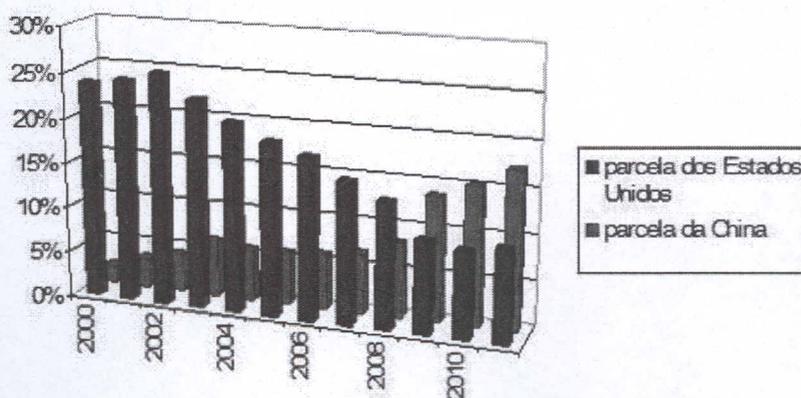
Por Cristiane Kämpf

10/04/2012

Na linguagem de negócios, existe uma expressão usada para se referir aos acordos em que todos os envolvidos, obrigatoriamente, saem ganhando, satisfeitos com o resultado das negociações: as chamadas "parcerias win-win". Será que essa expressão é válida também para as relações bilaterais entre países? A China já superou os Estados Unidos no posto de principal parceiro comercial do Brasil no total das transações: é o país que mais compra do Brasil e está quase empatando com os Estados Unidos nas vendas para cá. Essa relação crescente com a China é vantajosa para o nosso país? O que mais vendemos e o que mais compramos dos chineses? Precisamos dar o mesmo salto que a China, em termos de conhecimento e inovação, para mudarmos o perfil dos principais produtos da nossa pauta de exportação? Que papel podem ter, nesse sentido, as parcerias em ciência e tecnologia com os chineses?

De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (**MDIC**), do valor total exportado pelo Brasil em 2011, 17% foi absorvido pelo gigante asiático. Bem mais do que a fatia de 10% que coube ao nosso mais tradicional parceiro, os Estados Unidos. Para se ter uma ideia da evolução das transações comerciais do Brasil com esses dois países, em 2000, enquanto 24% de tudo o que o nosso país vendia era comprado pelos Estados Unidos e 23% do que comprávamos vinha de lá, a China respondia por apenas 2% tanto das nossas exportações quanto das importações. Depois da crise financeira de 2008 e consequente redução do consumo nos Estados Unidos, a China se tornou o nosso maior comprador em 2009 e sua participação continuou crescendo em 2010 e 2011. Nas importações, o que vem dos Estados Unidos caiu para 15% de tudo o que compramos e 14% já vem da China, números que se repetiram em 2010 e 2011.

Evolução das exportações brasileiras



Fonte: MDIC/Secex

No ano passado, foram exportados para a China um total de R\$ 44,3 bilhões, dos quais apenas 15% (cerca de US\$ 6,6 bilhões) eram de produtos industrializados. Ou seja, os 85% restantes (aproximadamente US\$ 37,6 bilhões) – o grosso do que os chineses compraram de nós – eram matérias-primas como minério de ferro, soja e petróleo. As exportações chinesas para o Brasil, entretanto, têm um perfil muito distinto. "Observando os resultados recentes divulgados pelo MDIC, nota-se, em janeiro e fevereiro de 2012, uma diversificação da pauta exportadora chinesa para nosso país, com a preponderância de produtos manufaturados. É importante mencionar que não há concentração em um único ou poucos produtos, o que evidencia a já conhecida diversificação da pauta exportadora chinesa em escala mundial. Ou seja, exportamos mais produtos menos elaborados e importamos produtos mais elaborados da China", analisa Helton Ricardo Ouriques, professor do Departamento de Economia e Relações

Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Ouriques se refere à alta concentração das exportações brasileiras em poucas commodities, em geral exportadas sem qualquer tipo de processamento, e da diversificação e sofisticação dos itens importados da China, liderados por produtos de telecomunicações e computação. Segundo o MDIC, no balanço relativo ao intercâmbio comercial com a China, em fevereiro de 2012, o Brasil exportou pouco mais de US\$ 2,1 bilhões e importou cerca de US\$ 2,6 bilhões, ou seja, houve um saldo negativo de quase meio bilhão na balança comercial. Um mês isolado, porém, pode ser uma base enganosa. Considerando-se os últimos três anos, mesmo exportando majoritariamente matérias-primas e importando produtos de alta tecnologia, temos mais de US\$ 20 bilhões acumulados em saldo positivo na balança de negócios com a China.

Para alguns economistas estudiosos de temas como globalização e crises financeiras, essa tendência do perfil da nossa carteira de produtos exportados representa um risco de "involução" ou "especialização regressiva" da produção industrial brasileira. André Moreira Cunha, do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista em economias asiáticas, acredita que "se nada fizermos, crescerá a probabilidade de nos tornarmos um mero satélite produtor e exportador de recursos naturais". Segundo ele, o baixo dinamismo das economias centrais após a crise financeira mundial de 2008 tem forçado a China a buscar a diversificação de mercados.

"Suas exportações de manufaturas estão 'deslocando' as exportações de outros países, como o Brasil, em mercados de economias de renda média, como na América Latina, tradicional mercado para exportações de produtos industrializados do Brasil", completa. Em relação ao terceiro principal parceiro do Brasil, a Argentina, no entanto, o nosso mercado de produtos industrializados continua aquecido, especialmente em relação a um setor em que os chineses têm conseguido expandir suas vendas pelo mundo: a indústria automobilística. Em janeiro e fevereiro de 2012, os automóveis estavam no topo da lista dos produtos comprados do Brasil pela Argentina.

Mas os últimos dados divulgados pelo IBGE sobre o desempenho de nossa economia revelam, de fato, que tem diminuído o peso da indústria no total do Produto Interno Bruto (PIB) do país e que o mercado interno tem sido mais significativo para setores como a indústria automobilística do que as exportações, sendo o carro-chefe das vendas para o mercado externo as commodities, como alimentos, minério de ferro e petróleo. Na opinião de Cunha, o Brasil enfrenta um claro processo de desindustrialização desde 1980. Ele lembra que naquela época, o auge de seu processo de modernização, o Brasil tinha o maior setor manufatureiro entre os países em desenvolvimento, figurando na oitava posição global, com 2,6% do valor adicionado internacionalmente. O economista revela que, naquele ano, a China estava apenas na décima segunda posição, com 1,7%, e a Coreia do Sul, na vigésima sétima posição, com 0,6% da produção mundial de produtos manufaturados. Já em 2010, o Brasil aparecia em décimo primeiro lugar, atrás da China, Coreia do Sul, Índia e México. Nessas três décadas que se passaram, chineses e coreanos investiram pesadamente em ciência, tecnologia e inovação e expandiram sua indústria de produtos de alta tecnologia (ver **reportagem** sobre o assunto).

"Esse processo é resultado, principalmente, da forma como a crise da dívida externa dos anos 1980 desorganizou nossa economia e da ausência, desde então, de uma estratégia coerente e robusta de desenvolvimento. As economias asiáticas, por exemplo, jamais abandonaram totalmente o ativismo estatal, a começar pela China. O que a China coloca, no momento, é mais combustível nesse processo, na medida em que a sua demanda por recursos naturais e a concorrência de suas manufaturas (no mercado brasileiro e em outros mercados) cria um claro incentivo para o aprofundamento da especialização regressiva da nossa produção industrial", afirma Cunha.

Diferenças nas opções políticas internas do Brasil e da China

Ouriques, da UFSC, diz não ter condições de afirmar se há um risco de involução da industrialização brasileira, mas enfatiza que as relações comerciais entre Brasil e China parecem repetir o padrão histórico entre Brasil e Estados Unidos, no qual exportamos principalmente produtos menos elaborados (commodities) e importamos manufaturados. Segundo ele, seria necessário um processo de mais longo prazo para avaliar esse risco. O professor da UFSC lembra que o Brasil é líder em tecnologia e produtos em alguns segmentos do agronegócio, como soja e laranja, mas que há problemas em setores industriais, como têxteis e calçados, por exemplo. "Há um exemplo muito bom sobre a diferença de trajetória entre Brasil e China: os automóveis

chineses estão conquistando mercados no mundo, inclusive em nosso país. A entrada agressiva e recente da JAC Motors no mercado consumidor brasileiro é prova disso. Os chineses desenvolveram marcas próprias e já começam a competir globalmente. O Brasil notabilizou-se por ser receptáculo de fábricas de marcas europeias e americanas. Não temos um carro verdadeiramente nacional competindo interna ou externamente. As tentativas que existiram nesse sentido (com a empresa Gurgel) fracassaram", constata.



Governador da Bahia, Jaques Wagner, participa do anúncio da instalação da fábrica da JAC Motors que irá funcionar em Camaçari.
Foto: Manu Dias/Secom-BA

Marcos Cordeiro Pires, historiador e professor da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp), aponta como característica histórica do país a falta de políticas industriais que organizem e desenvolvam cadeias produtivas nas quais seja possível atingir certo nível de competência para, assim, promover a capacidade de concorrência da indústria brasileira. Ele pondera que, antes de tentar analisar o impacto da concorrência estrangeira no mercado interno brasileiro, é importante observar a estrutura industrial brasileira para, assim, compreender por que se enfrenta hoje no país um processo de forte concorrência no mercado interno. "Nas últimas três décadas, cabe perguntar em que momento o Brasil realmente se esforçou para desenvolver um processo de industrialização com maior qualidade e que permitisse a entrada do país em cadeias econômicas dinâmicas, particularmente, àquela relacionada ao complexo eletro-eletrônico, que é bastante deficitário na nossa balança comercial. Observando isso, vamos chegar à conclusão de que a grande debilidade é nossa", constata o historiador.

Segundo ele, o Brasil ainda não desenvolveu competência para produzir naqueles setores em que existe maior competitividade no comércio internacional. Isso se daria por conta de opções políticas internas, já que o país, até o momento, não teria feito uma aposta importante no sentido de inovação tecnológica, de formação de quadros e de apoio público para desenvolvimento de empresas nacionais que pudessem atuar nos setores em que a concorrência é mais acentuada. A China, pelo contrário, tem feito exatamente isso: investido pesadamente em inovação tecnológica, **educação** e no desenvolvimento do mercado interno e das indústrias nacionais.

Parcerias em C,T&I: um caminho a seguir

Pires, da Unesp, que atualmente pesquisa as transformações econômicas e políticas recentes na República Popular da China, aponta que a criação de pesquisas conjuntas e a troca de conhecimento científico e tecnológico são uma possível saída para aprimorar o nível da relação entre Brasil e China. "Talvez essas relações sejam um potencial para que, em médio prazo, o Brasil possa reverter sua atual dependência das commodities e diversificar sua pauta de exportações", avalia. O recém-criado Centro Brasil-China de Pesquisas em Nanotecnologia (CBC-Nano) é um bom exemplo dessa possibilidade. Inicialmente localizado dentro do Laboratório Nacional de Pesquisas em Nanotecnologia, em Campinas (SP), o CBC-Nano é uma rede colaborativa de pesquisadores brasileiros e chineses que vão desenvolver, em conjunto, investigações e aplicações de materiais nanoestruturados, além de sensores e dispositivos para uso em diagnósticos clínicos.

De acordo com informações publicadas no site da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), o mercado internacional de nanotecnologia deverá atingir US\$ 693 bilhões até o final deste ano e US\$ 2,95 trilhões em 2015. Um **relatório** publicado pela U.S.-China Economic and Security Review Commission, dos

Estados Unidos, aponta a China como um dos maiores expoentes nessa área na atualidade. Na parceria entre brasileiros e chineses, também haverá pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de novos produtos a partir da biomassa, usando a nanotecnologia para transformar os resíduos agrícolas.

Outro exemplo de parceria promissora é o **Centro China-Brasil de Mudança Climática e Tecnologias Inovadoras para Energia**. Resultado de um acordo estabelecido entre o maior centro de pós-graduação e pesquisa de engenharia da América Latina (Coope/UFRJ) e a Universidade de Tsinghua (uma das principais da China), o centro tem como missão, de acordo com seu site, "promover a cooperação tecnológica e científica nos setores de mudanças climáticas e tecnologias inovadoras para energia; formar recursos humanos por meio de intercâmbio de alunos de doutorado, professores e pesquisadores e formular sugestões de estratégias e ações para subsidiar decisões dos governos brasileiro e chinês nas áreas de energia e meio-ambiente".

Há também uma parceria no campo educacional que está ligada ao aumento dos negócios entre empresas brasileiras e chinesas. Criada em 2008, a unidade brasileira do Instituto Confúcio, instituição de ensino de mandarim espalhada por todo o mundo, é fruto de um convênio entre a Universidade Estadual Paulista (Unesp) e a Universidade de Hubei, e tem como missão, além do ensino da língua majoritária na China, a divulgação da cultura e da história chinesa e o fortalecimento do intercâmbio cultural e acadêmico entre o Brasil e a China. De acordo com o site do instituto, todos os cursos oferecidos no primeiro semestre de 2012 já estão com as vagas esgotadas. Além da unidade no antigo prédio da reitoria da Unesp na capital paulista, o Instituto Confúcio já se expandiu para os *campi* de Assis, Marília, Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Araraquara, Jaboticabal, Botucatu, Guaratinguetá e São José dos Campos.

O crescimento da procura pelo aprendizado do mandarim também é notado pelo Centro de Língua e Cultura Chinesa (**Chinbra**), uma instituição privada, fundada em 2003, que funciona na cidade de São Paulo e é reconhecida pelo governo chinês para aplicar o teste HSK de proficiência em língua chinesa, exigido para que estrangeiros possam frequentar as melhores universidades da China. "De 2010 para 2011, tivemos, em média, um aumento de 15% nas matrículas. Realmente, a procura tem aumentado consideravelmente, pois a cada ano, o mandarim se torna mais que um diferencial, se torna essencial para os negócios", informa Liang Yan, diretora da escola. Segundo ela, a maior parte dos alunos do Chinbra são médicos, advogados e engenheiros interessados em aprender o idioma para aumentar as oportunidades de negócio com as grandes empresas chinesas já instaladas no Brasil. "Mas temos também uma grande quantidade de alunos crianças", acrescenta.

A demanda pelo ensino de mandarim não envolve apenas o mundo dos negócios e tem levado a parcerias também no campo da diplomacia. No dia 2 de abril, a *Folha de S. Paulo* divulgou que o Itamaraty, nosso Ministério das Relações Exteriores, acaba de criar um programa em parceria com o escritório vinculado ao Ministério da Educação da China, o Hanban, para enviar recém-formados do Instituto Rio Branco para aperfeiçoar a língua na China. O Instituto Rio Branco foi fundado em 1945 e é responsável pela formação dos diplomatas brasileiros. "Relacionar-se com a China hoje é o grande desafio. Precisamos ter maior capacidade de análise e compreensão do país", afirma Sérgio Barreiros, diretor-adjunto do instituto.

MinC e FEM realizam a primeira oficina para a elaboração do Plano Estadual de Cultura

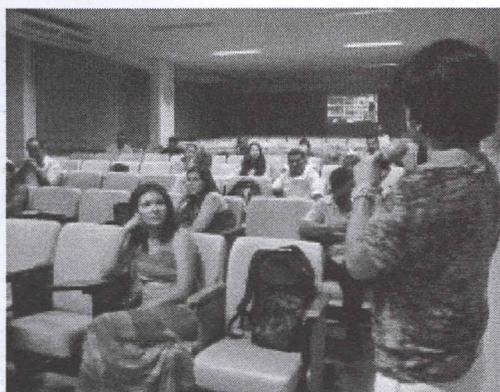
09/04/2012 - 18:19 Rose Farias (Assessoria FEM)



A primeira oficina de capacitação de técnicos facilitadores do processo de construção do Plano Estadual de Cultura do Acre aconteceu em Rio Branco nos dias 3, 4 e 5 deste mês. O encontro faz parte do Projeto de Apoio à Elaboração dos PECs, coordenado pelo Ministério da Cultura (MinC) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No Acre, a coordenação é feita pela Fundação de Cultura Elias Mansour (FEM).

Organizado pelo Núcleo Executivo do Projeto local, que tem como articulador Assis Pereira, o encontro serviu para nivelar informações, conceitos e metodologia do processo de construção do PEC/AC e planejamento das etapas de trabalho.

Participaram da oficina integrantes do Grupo de Trabalho Interinstitucional (GTI), composto por gestores dos departamentos da FEM, FGB e MinC, e pelo Grupo de Técnicos Facilitadores formado por representantes do ConCultura, Criativa Birô, CEFIC, departamentos e assessorias da FEM e de instituições do setor cultural das cinco regionais administrativas do Acre.



Na abertura, Francis Alves de Lima, a Bruxinha, presidente da Fundação de Cultura Elias Mansour fez o chamamento aos participantes para a importância do encontro. "Toda essa construção faz parte da implementação do Sistema Estadual de Cultura. Essa é uma oportunidade rica de crescimento para o setor cultural no estado. É importante que o grupo, e outros que venham se somar a ele, se aproprie conceitualmente de todo o processo por meio de muitas leituras e de uma capacitação contínua e plena de envolvimento", ressaltou.

Para Francis Alves, encontro é uma oportunidade de crescimento (Foto: Val Fernandes)

José Marcio Barros, coordenador técnico do projeto, apresentou ao grupo as diretrizes básicas do processo metodológico para o PEC/AC. Ele aproveitou refletir sobre a relação entre Plano Estadual de Cultura e o Sistema Estadual de Cultura, enfocando cada um de seus elementos constitutivos.

Gestores apresentaram estágios atuais dos sistemas de cultura

Em seguida, o foco foi direcionado para o processo de construção dos sistemas de cultura e dos planos de cultura, no níveis federal, estadual e municipal. Keilah Diniz, representante do escritório do MinC em Rio Branco, contextualizou sobre o atual estágio do processo no âmbito federal. Logo após, Assis Pereira, articulador do projeto, e Karla Martins, chefe do Dartes da FEM, apresentaram o estágio atual do Sistema Estadual de Cultura. E para fechar, Eurilinda Figueiredo, presidente da FGB falou sobre o processo em nível municipal.

Com o objetivo de realizar um diagnóstico sobre o atual estágio do Sistema Estadual de Cultura do Acre, com enfoque na sua relação com a elaboração do PEC, os facilitadores participaram de um trabalho em grupo.

"Essa atividade permitiu a identificação das principais forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, além de terem sido definidas as possíveis estratégias de intervenção na realidade do setor cultural, como forma de subsidiar a construção do PEC Acre", explicou José Márcio.

O encontro finalizou com a apresentação do Plano de Ação do Projeto. O grupo fez a validação de suas metas, prazos e, sobretudo, as datas de constituição do Fórum Estadual do PEC e da III Conferência Estadual de Cultura. O primeiro será a instância de construção do PEC e o segundo a validação do prognóstico a ser realizado pelo fórum.

Tweetar

2

0

Like

3

Send